

MORTOS DE FAMA

ELVIS

E SUA PÉLVIS



de Michael Cox
Ilustrações de Philip Reeve
Tradução de Eduardo Brandão

4ª reimpressão

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2005 by Michael Cox
Copyright das ilustrações © 2005 by Philip Reeve

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
Elvis and his pelvis

Preparação:
Beatriz Antunes

Revisão:
Ana Maria Barbosa
Isabel Jorge Cury

Atualização ortográfica:
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cox, Michael

Elvis e sua pélvis / Michael Cox; ilustrações de Philip
Reeve; tradução de Eduardo Brandão. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2005.

Título original: Elvis and his pelvis.
ISBN 978-85-359-0637-0

1. Cantores — Estados Unidos — Biografia — Literatura
infantojuvenil 2. Presley, Elvis, 1935-1977 — Literatura
infantojuvenil I. Reeve, Philip. II. Título.

05-2064

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Cantores de rock: Biografia: Literatura infantojuvenil 028.5

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Composição: Américo Freiria

Impressão: Geográfica



Introdução	5
A família Repinica	8
Tupelo é um atropelo	17
O boogie da Beale Street	31
Vai fundo!	43
O Coronel assume o comando	54
Elvis atômico	64
Elvis a jato	81
Vou me ver no cinema	96
Coração de mãe	106
Blues do pracinha	121
A guarda do Rei	129
A volta do roqueiro	150
A grande aventura	162
O último rebolado	174
O efeito Elvis	191
Depois do Elvis	203



Embora Elvis Presley tenha requebrado sua pélvis pela última vez no fim da década de 70, mesmo quem nasceu muito depois já deve ter ouvido falar dele. Deve ter ouvido coisas assim:





É, sim!

Elvis era tudo isso e muito mais. Porque, como a maioria das pessoas, ele não era nem cem por cento bom, nem cem por cento ruim! No entanto, ao contrário da maioria das pessoas, ele passou de um cara pobre de morrer a um cara podre de rico, apenas com os requebros da sua pélvis, e de ilustre desconhecido ao maior ídolo do rock de todos os tempos, e virou um astro do cinema de arrebentar bilheteiras. Reinou absoluto por vinte anos e, passadas mais de duas décadas da sua morte, continua aparecendo nos jornais e revistas do mundo inteiro. Até hoje inspira um montão de astros e aspirantes a astro da música pop e ainda tem um exército de fãs que deixa muita gente roxa de inveja.

Este livro traz uma porção de informações quantíssimas e de dados devastadores sobre o incrível Rei do Rock: desvenda o segredo do seu célebre requebrado, revela por que

as garotas encharcavam seus lençinhos assistindo aos seus filmes, e conta como ele deflagrou uma verdadeira rebelião com uma simples piada, por que botou 3 mil bolas de gude no camarim de um músico, quem eram seus heróis e como caiu do trono. Também explica por que ele estourava a tiros suas televisões durante acessos de raiva terríveis, fala das suas farras milionárias, da grana que torrava com pessoas que ele nunca tinha visto na vida, além das maluquices que os fãs e as fãs faziam por causa dele.

Você vai ter a ficha de alguns doidões da gangue do Elvis, a Máfia de Memphis, vai conhecer os parentes caipiras, algumas das centenas de namoradas, saber das pilantragens do seu empresário e derramar uma lágrima (pelo menos) ao descobrir o seu trágico segredo. Vai aprender também — tchã, tchã, tchã! — como ser o mais perfeito clone do Elvis, enquanto traça um dos seus lanches de arrebrantar o bucho de qualquer um. E completando isso tudo, vai poder acompanhar a história do Rei do Rock segundo a versão do próprio, lendo o que Elvis deve ter escrito no seu lendário diário perdido. Então faça o seguinte: encomende uns mil *cheeseburgers*, calce um par de sapatos de camurça azul, capriche no topete ou no rabo de cavalo e... Vamos chacoalhar, gente!



É ISSO AÍ, GALERA!
VAM' CHACOALHAR!



A FAMÍLIA REPINICA

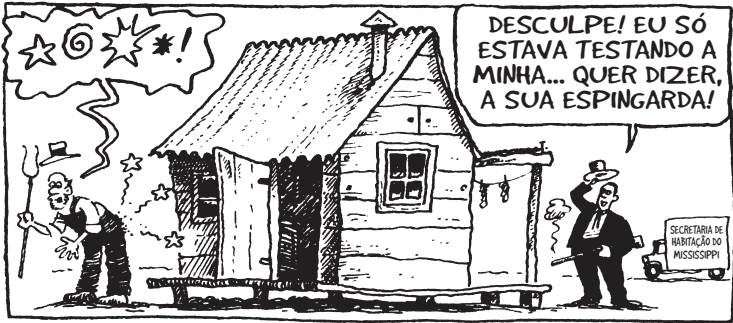
Elvis nasceu na madrugada gelada — às 4h35 da matina, precisamente — do dia 8 de janeiro de 1935, no barraco de madeira dos pais, na cidadezinha americana de East Tupelo, estado do Mississippi.



Ao contrário das chegadas triunfais de Elvis nos seus shows, sua chegada ao mundo foi bastante triste. A atmosfera em casa estava carregada, porque meia hora antes seu irmão gêmeo, Jessie, tinha nascido morto.

O tipo de barraco em que o Rei do Rock veio à luz, dois miseráveis cômodos, era conhecido no pedaço pelo apelido maldoso de “espingarda”. Para construí-lo, seu pai, Vernon

Presley, tinha tomado emprestados 180 dólares do seu patrão, Orville Bean. E por que o barraco era conhecido como “espingarda”? Porque, se você desse um tiro de espingarda na entrada, a bala atravessava a porta da frente e saía direto pela porta dos fundos, sem encontrar nenhum obstáculo!



Por que os Presley moravam numa espingarda? Porque eram cartuchos? Não! Porque eram pobres, pobres, pobres, de marré, marré, marré, havia muitas gerações.

Álbum de família caipira

Sabe-se atualmente um montão de coisas sobre a família do Elvis, porque, quando ele ficou famoso, um bando de curiosos e xeretas passou anos a fio trepando na árvore genealógica dele à cata do ancestral de quem ele teria adquirido os genes roqueiros. Trocando em miúdos, hoje em dia tem por aí um monte de gente que sabe mais sobre os antepassados do Elvis do que o próprio sabia! Aliás o pai dele, Vernon, sabia menos ainda do que o filho famoso de morrer. Quando um cara disse ao Vernon que o sobrenome dele era britânico, ele ficou boquiaberto! Nunca podia imaginar que alguém do seu sangue pudesse ter vindo de tão longe! Ele respondeu que achava que os Presley tinham surgido ali mesmo — quer dizer, nos Estados Unidos. Per-

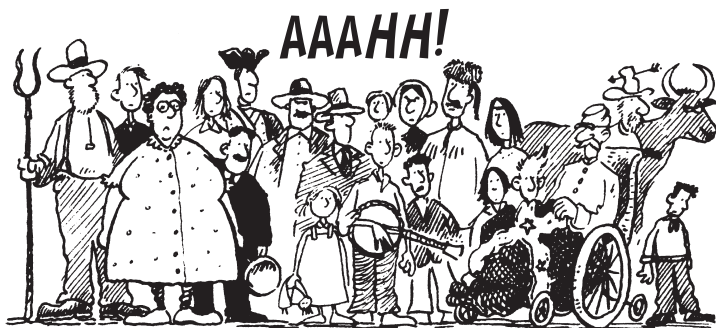
cebe-se que história americana não era o forte do Vernon. Em todo caso, tinha tanto Presley em East Tupelo, onde Elvis nasceu, que das 26 crianças matriculadas na escola local TODAS se chamavam Presley!



Acho que vocês adorariam saber tudinho sobre a árvore genealógica do Elvis. É curiosa de morrer.



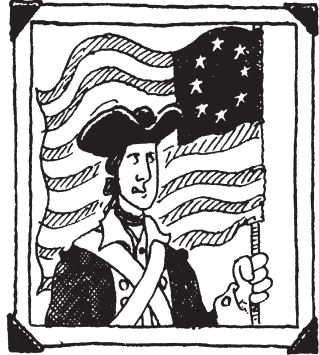
Só que não vai dar: falta espaço!



Por isso só vamos falar dos ancestrais mais interessantes:

Andrew Presley Junior (1754-1855)

Andrew era um tatatatata... ravô do Elvis. Se você prestou atenção nas datas entre parênteses, notou que o Junior viveu 101 anos! Era filho de Andrew Presley Senior, que veio da Grã-Bretanha para os Estados Unidos em 1700 e alguma coisa e foi o primeiro Presley a pisar no Novo Mundo, que era o nome como chamavam a América naquela época. Andrew Junior lutou na Guerra de Independência americana contra os britânicos. Ele jurava que, numa das batalhas, as balas dos mosquetões dos Casacos Vermelhos (adivinhou: os ingleses) atravessaram seu casaco (azul) sem feri-lo. Vai ver que o Junior já sabia dar aquela mexida de pêlvicis que virou marca registrada do Elvis!



Morning Dove (1800 ~ 1835)

Morning Dove era a tataravó do Elvis, a avó da bisavó. Sabe por que ela tinha esse nome fora do comum (vou tra-



duzi-lo para você: Pomba da Manhã)? Porque ela era índia da tribo Cherokee! Ela se casou com William Mansell, tataravô do Elvis. Naqueles tempos, os colonos europeus corriam o Novo Mundo buscando fortuna e, assim que a conseguiam — ou, simplesmente, assim que conseguiam se estabelecer em algum lugar —, queriam logo consti-

tuir uma família com a qual compartilhar suas posses. Só que não tinha mulher branca para tanto homem! Em compensação, indiazinha solteira era o que não faltava. Quer dizer, além de roubar as terras dos nativos, os pioneiros (era assim que se chamavam os europeus que foram estabelecer-se por lá) também roubavam suas mulheres. Por isso o Elvis era 1/32 índio. Aliás, certa vez ele representou o papel de um cara que era parte índio, parte branco: foi no filme *Estrela de fogo* (de 1960). Certos críticos dizem que foi seu melhor papel.



Os olhos azuis certamente não eram herança dessa tataravó. Será?